

LETRAMENTOS EM *FREESTYLE*: POESIA, DANÇA, MÚSICA E GRAFITE

José Henrique de Freitas Santos
(UFBA)

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

As instituições educacionais formais, apesar de sua importância social, não são agências exclusivas do letramento. Ainda que esta seja uma premissa da Linguística Aplicada na atualidade, são poucos os estudiosos que, de fato, se aventuram a analisar práticas de leitura e escrita não escolares que, por vezes, põem em xeque os processos de ensino/aprendizagem institucionais, bem como o aparato teórico através do qual se deseja avaliá-las.

Ana Lúcia Silva Souza, ou melhor, Analu, aceita este desafio, ao analisar o hip hop, tomando-o como importante agência de letramento, em virtude das complexidades que envolvem os usos da leitura e da escrita nesta cena de produção de saberes. O livro *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança – hip hop*, editado na Série Estratégias de Ensino e Aprendizagem, é resultado da pesquisa de doutorado da autora na UNICAMP e a publicação desta obra em 2011 rasurou paradigmas: editoriais, uma vez que a Parábola Editorial não costuma publicar trabalhos acadêmicos, como confessa o editor na apresentação do texto; metodológicos, ao propor as rodas de conversa como procedimento primordial da investigação científica de que este livro é resultado; conceituais, ao forjar a *reexistência* como um operador teórico-crítico tão potente que Roxane Rojo “qualificou o termo como nova categoria a ser aplicada nos estudos do letramento” (SOUZA, 2011).

Dividida em cinco capítulos, a obra, logo em sua abertura, convida os leitores a “um começo de conversa” para apresentar a emergência do hip hop nos EUA nos anos 70 do séc. XX como expressão artístico-cultural dos jovens afro-americanos e migrantes latinos. A autora re-

gistra, ainda na introdução, a chegada deste movimento no Brasil nos anos 80 e a rearquitetura que ele provoca nas malhas urbanas do país, por meio dos quatro elementos artísticos que integram o hip hop, reconhecidos no livro como importantes agentes de letramento nas periferias citadinas: o DJ (disc-jockey, responsável pela operação dos aparelhos eletrônicos que produzem a base sonora para o canto do rap – poesia oral ritmada canto-falada pelos rappers), o MC (mestre de cerimônias), o/a B-boy/B-girl (dançarino/a de break – ritmo quebrado no qual o corpo pode mover-se rapidamente ou ainda simular as performances dos deslocamentos de robôs, dentre outras possibilidades) e o/a grafiteiro/a (artista responsável pelos diversos grafismos que vão desde as referências alfabéticas em diversos formatos a imagens que flertam com as artes plásticas urbanas).

O primeiro capítulo do livro ocupa-se dos *modos de fazer* a pesquisa, não se resumindo apenas em tratar de aspectos metodológicos: a autora fala das tensões e dos tensionamentos envoltos no trabalho acadêmico, gerados pelos membros de grupos do movimento hip hop que se recusavam a ser mais uma vez objeto de investigações universitárias inócuas, exigindo uma co-participação. Analu reorienta, pois, não só os procedimentos de sua pesquisa, mas todo o trabalho, a partir da proposição de “rodas de conversa” com esses sujeitos que, após um período de avaliação da autora, concordam em colaborar, no sentido etimológico mesmo de *trabalhar com*, a pesquisa. As rodas de conversa funcionam diferencialmente como *modus operandi* de investigação científica, porque se organizam a partir de um saber que se assume racializado, por meio de uma movência circular que remonta à cosmogonia africana, aos *griots*, às rodas de capoeira, às batalhas de break dance e mesmo aos xirês das rodas de candomblé, apresentando-se, sobretudo, como método singular de produção/coleta/análise do material de pesquisa e como trincheira para a escrita da própria tese – discutida e avaliada gradativamente pelos membros da roda, na qual os saberes nômades giram contaminando a todos.

No segundo capítulo, *Letramentos de reexistência no cotidiano*, Analu realiza uma revisão bibliográfica, para demarcar a potência e a limitação dos estudos já realizados na área dos letramentos, a fim de justificar sua opção pelo conceito de reexistência para analisar o hip hop: este movimento músico-cultural, além de atravessar multiletramentos, utiliza-se de práticas pedagógicas advindas do Movimento Negro, cobrando ainda que os corpos dos jovens não sejam apa-

gados nem em sua dimensão de gênero, nem etnicorracial, na cena dos processos vários de leitura e escrita de que participam.

O tema do terceiro capítulo do livro são as experiências da diáspora negra que resultaram no movimento hip hop. Neste sentido, o capítulo traça uma arqueo-genealogia, assumindo as descontinuidades e rizomas que culminarão na emergência do hip hop até que ele chegue às ruas da capital paulista, constituindo espaços praticados de letramentos com os raps, grafites, samplers e batalhas de break.

No penúltimo capítulo, a autora atém-se às *narrativas de si* dos membros do movimento hip hop, para flagrar suas constituições identitárias, bem como mapear como eles também vão se constituindo como agentes do letramento. Este capítulo, em especial, reserva uma grata surpresa para os leitores que é a análise que a autora faz da capa do CD *Hip Hop Educando*, apontando didaticamente um modelo para se compreender a co-ocorrência de linguagens diversas no processo comunicacional, o que Kress e Van Leeuwen chamam de multimodalidade. O hip hop toma a tela, a parede, os aparelhos eletrônicos e mesmo o corpo como superfície nos usos sociais da escrita, ao mesmo tempo em que as cores, as roupas, os grafismos, os sons e os gestos compõem um texto descontínuo, polifônico e polissêmico, advindo daí a complexidade dos letramentos multimodais que integram os letramentos de reexistência na proficiência multitextual desenvolvida pelos ativistas deste movimento músico-cultural.

Por fim, no último capítulo, intitulado *Batalhas por espaços e práticas de sentido*, a autora apropria-se da metáfora das disputas entre rappers ou b-boys, realizadas a fim de se verificar publicamente quem rima ou quem dança melhor, para refletir como os manos (membros do movimento hip hop), educadores e agentes de letramentos batalham por suas identidades. Para isso, Analu investe na análise de letras de música, discursos e performances dos sujeitos que buscam se construir identitariamente por meio de suas representações.

Os letramentos de reexistência apresentados pelo belo livro de Ana Lúcia Souza é uma quimera biopolítica em favor da vida, já que nossa existência social é grafada, grifada e grafitada através da linguagem. Nos letramentos de reexistência, há uma força contra-panóptica, no sentido de voltar-se intempestivamente contra as tentativas de controle e docilização dos corpos em formação na instituição escolar, fazendo com que eles produzam-se e reconheçam-se nas diversas relações estabelecidas com a leitura/escrita, sem apagar sua dimensão soci-

al, de gênero e, sobretudo, etnicorracial, uma vez que a autora não escapa de tratar desse tema tabu, assumindo-se como intelectual negra e demarcando como na aquisição da escrita e/ou em seus usos sociais herdamos problematicamente todos os preconceitos que escravizam a linguagem para além do corpo, prendendo-nos perversamente, muitas vezes por toda vida, aos grilhões dos racismos, falocentrismos, etnocentrismos, grafocentrismos e outros ismos, sem que percebamos a eficiente prisão sem grades que passa a cercear-nos, porque limita a visão que temos sobre nós mesmos, e a cercear também os que estão a nossa volta. A partir desta compreensão, torna-se possível forjar identidades sociais afirmativas e redes produtivas de pertencimento através das agências de letramento, sejam oficiais como as instituições educacionais, ou extra-oficiais como o movimento hip hop, pois a linguagem, que naturaliza e conforma hierarquias sociais, já é apropriada sob rasura. Este novo conceito aponta, sobretudo, para uma guinada também nas estratégias de ensino, tomando o espaço da sala de aula como *locus* de empoderamento dos agentes de letramento através da escuta e do redimensionamento dos papéis de docentes e discentes, a partir do que as experiências extramuros escolares tem demonstrado.

Ademais, fica o convite aos mais diversos leitores (educadores, estudantes, rappers, pesquisadores, b-boys, grafiteiros, idosos, maloqueiros, jovens, MCs, dentre outros), a reexistir cotidianamente junto com Analu na e para além das páginas deste livro nas rodas de conversa que faremos não apenas em favor da necessária democratização da leitura e da escrita, mas da própria vida.

Data de recebimento: 25 de março de 2012

Data de aprovação: 25 de abril de 2012